

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES DE MULHERES PRATICANTES DE ESPORTES COLETIVOS DE CONFRONTO

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION IN FORMATION OF IDENTITIES OF WOMEN PRACTICING COLLECTIVE SPORTS

Alexandre Jackson Chan-Vianna¹, Antônio Jorge Gonçalves Soares², Diego Luz Moura³ e Ludmila Nunes Mourão⁴

¹Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil.

²Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

³Universidade Federal do Vale do São Francisco Petrolina-PE, Brasil.

⁴Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.

RESUMO

O artigo relaciona identidade de gênero e esporte e contextualiza narrativas de mulheres praticantes de esportes, de tradição e predomínio masculino, a partir da memória das trajetórias esportivas delas na infância, na Educação Física Escolar e nas alteridades vivenciadas na prática do esporte na vida adulta. O estudo se configura, do ponto de vista metodológico, como observação participante realizada com jovens adultas praticantes de esportes coletivos de confronto num centro esportivo público do subúrbio do Rio de Janeiro. Os resultados descrevem os processos de inserção, enfrentamentos, identificação e permanência dessas mulheres em esportes, que no local estudado são de predomínio masculino, e a relação desses processos com a memória da infância e Educação Física Escolar. Como conclusão apresenta a importância da Educação Física Escolar para a construção das estratégias e narrativas identitárias que sustentam a permanências dessas mulheres nas modalidades esportivas dadas como espaço dos homens.

Palavras-chave: Esporte Coletivo. Identidade. Gênero. Educação Física.

ABSTRACT

The article relates gender identity and sport and contextualizes narratives of women engaged in sports of male tradition and predominance, from the memory of their sporting trajectories in childhood, in school physical education and in the alterities experienced in practice of sports in adulthood. The study is configured, from the methodological point of view, as participant observation carried out with young women practicing collective confrontation sports in a public leisure center in the suburb of Rio de Janeiro. The results describe the processes of insertion, confrontation, identification and permanence of these women in certain sports, in the place studied, as a space of male leisure and predominance, and the relation between these processes with childhood memory and school physical education. As a conclusion, it presents the importance of school physical education to build strategies and identity narratives which support the permanence of these women in sports modalities established as male space.

Keywords: Team Sport. Identity. Gender. Physical Education.

Introdução

A sociedade atual demanda um mundo mais igualitário e ao mesmo tempo observa a valorização das individualidades e diferenças¹. Na ordem do dia está o enfrentamento das persistentes clivagens de sexo, gênero, geração e raça. Tomando os papéis de gênero na contemporaneidade ocidental, devemos reconhecer que, apesar dos avanços, ainda existem locais de interdição para os grupos precarizados no sentido de Butler². As práticas esportivas são exemplos desses locais. A Educação Física, a partir dos anos de 1990, assumiu o desafio de buscar soluções, refletindo sobre ações pedagógicas mais democráticas e includentes. As pesquisas em Educação Física Escolar (EFE) e gênero, em especial têm promovido conhecimentos promissores sobre o tema, mas também deixado lacunas.

Chan-Vianna, Moura e Mourão³ apontaram como os estudos de gênero na EFE, na década de 1990, que seminaram o tema na área, construíram afirmações sobre discriminação e

sexismo nas aulas de EFE com evidências empíricas frágeis⁴. Os estudos operavam com a categoria gênero para marcar disputas simbólicas de um contexto sociocultural específico que fixava as categorias homem-mulher para denunciar a hegemonia masculina no esporte e em outros lugares. Uma das afirmações nesses estudos era a perpetuação da desigualdade e injustiça socializada na EFE pelo conteúdo nas aulas se basear nos esportes coletivos de confronto (ECC). O argumento tem força quando, seguindo Dunning⁵, consideramos que tais esportes se originam como espaço privado e de exacerbação da masculinidade dos homens e quando, mesmo considerando que existem modalidades esportivas coletivas para as mulheres, que o mercado esportivo, em termos de remuneração de atletas, audiência e adesão é no geral ainda predominantemente masculino, apesar de todas as conquistas femininas nesse território. Assim, segundo os estudos revisados por Chan-Vianna, Moura e Mourão³, ao se privilegiar esse tipo de conteúdo nas aulas se (re)produzia os mecanismos culturais de exclusão das alunas.

Apesar dessas afirmações, Chan-Vianna, Moura e Mourão³ apontaram como as próprias pesquisas também descreveram alunas que produziam resistências, conscientes ou não, no processo de dominação nesse espaço escolar. No entanto, os estudos trataram esses casos como exceções, não abrindo mão da generalização das categorias analíticas homem e mulher. Com isso, não ofereceram chaves para entendimentos mais refinados sobre as relações de poder nas aulas de EFE. As alunas exceções não permitiriam problematizar questões específicas da socialização escolar através do esporte e nem as relações específicas de gênero produzidas no espaço social da escola. Com isso, questões e equívocos analíticos foram gerados na origem do campo de estudo que se dedica a relação esporte, gênero e EFE. Deive et al.⁶ apontam que na produção mais recente do tema ainda persiste abordagens focalizadas apenas no déficit de participação das mulheres, com equívocos de ordem epistemológica, analítica, conceitual e política. A pergunta de partida do presente estudo então foi, se existe, como sugerem as pesquisas, domínio masculino na EFE, como algumas meninas conseguem se inserir e praticar os ECC? Considerando a hipótese das consequências negativas da divisão por sexo e o consenso que os ECC são de hegemonia masculina, levantamos, neste artigo a seguinte questão específica: Quais significados a EFE tem para as meninas que participam de ECC e o que isso representa quando identificadas como mulheres em espaços masculinos na vida esportiva adulta?

Para responder essa questão, apresentamos investigação com objetivo de compreender os significados da EFE para as praticantes de ECC e as identidades em jogo presentes nas narrativas de si⁷. A pesquisa teve foco nas praticantes de ECC no lazer, no subúrbio do Rio de Janeiro, imbuída de compreender os significados do esporte em suas trajetórias de vida e os processos relacionais de construção de suas identidades. Em decorrência dos resultados, propomos refletir sobre a construção do conhecimento nos estudos socioculturais da Educação Física, problematizando a forma de olhar para o cotidiano e as práticas do esporte e da Educação Física.

Métodos

Foi realizada observação participante⁸ com jovens adultas, praticantes de ECC num centro esportivo de lazer público, no subúrbio do Rio de Janeiro, que oferece modalidades esportivas, gímnicas e artísticas destinadas a população local, orientadas por professores de Educação Física. A pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa sob o número 1.598.922. CAAE: 55593116.3.0000.5196.

Assim, o cenário⁹ e as interações foram registrados em diário de campo durante 10 meses. Destaca-se que o subúrbio do Rio de Janeiro é representado socialmente como um espaço conservador em relação aos comportamentos sociais disseminados na Zona Sul da cidade. A Zona Sul do Rio é representada socialmente como local de moradia de uma classe

média abastada com bons empregos, melhores índices educacionais, mais liberal e tolerante nos costumes, apesar de ter comunidades pobres incrustadas na região; em contrapartida, o subúrbio é representado como conservador, local de predominância operária ou dos trabalhadores subalternizados da cidade, também comunidades pobres que entremeiam diferentes bairros com diferentes níveis socioeconômicos. Os dados censitários correspondem de certa forma as representações nativas sobre esses territórios da cidade, todavia, há de se destacar que as representações nativas tendem a esquadriñar e homogeneizar culturalmente as identidades sem considerar a diversidade que pode habitar cada uma dessas regiões da cidade.

Os sujeitos observados foram selecionados intencionalmente, pois não se pretendeu conhecer uma média de toda a população, mas a especificidade de um determinado grupo em sua experiência social⁸. Dessa forma, selecionaram-se praticantes de turmas adultas de ECC, com mais de dois anos de prática no local. Dez praticantes, entre 18 e 22 anos, foram entrevistadas - basquetebol (2), handebol (3), futebol/futsal (4) e handebol e futebol/futsal (1). As entrevistas tentaram captar narrativas que interpretassem o significado da escolha e permanência na prática de ECC dessas mulheres, bem como suas experiências pregressas com ECC. Esses esportes eram praticados em sua maioria por homens no local, reproduzindo o que comumente ainda se observa na prática esportiva mais geral. Com isso os chamaremos esportes de predomínio masculino.

A região apresentava baixo Índice de Desenvolvimento Humano e, em grande medida, conservava o modo de vida tradicional^{10,11}. As praticantes eram moradoras de diferentes bairros do local e também pertenciam a segmentos socioeconômicos distintos. A relação entre elas se deu no centro esportivo estudado. Esse dado aponta como se mostrará, que, apesar de diferentes trajetórias¹², a regularidade nas falas demonstra que vivenciaram histórias parecidas e conformaram coletivamente narrativas identitárias no convívio cotidiano a partir do esporte.

Consentida pelas participantes, a entrevista era iniciada com perguntas abertas sobre a história de vida esportiva delas até que apresentassem razões do interesse pelos ECC. O investigador de campo nesse momento provocava as participantes para acionarem suas memórias do esporte. A escolha por esportes que poderiam estigmatizar¹³ o papel do feminino apareceu sem perguntas específicas. Teve-se o cuidado de não impor às entrevistadas questões direcionadas para as intenções dos pesquisadores. É inevitável, entretanto, terem ocorrido constrangimentos em razão da presença do gravador, da percepção das entrevistadas sobre o tema da pesquisa, entre outras.

Essas ressalvas se justificam para pensarmos que mobilizar os sujeitos para investigações dessa natureza criam necessariamente reflexividade dos pesquisados em relação àquilo que o pesquisador espera descobrir. Além disso, implica a necessidade dos pesquisados acionarem discursos identitários.

O resultado das entrevistas indica falas de um diálogo primário e controlado. Todavia, não significa falta de riqueza e profundidade. Segundo Goffman¹⁴, quando interagimos tendemos a agir seguindo condutas socialmente partilhadas, produzindo representações em algum nível da realidade vivida que livre a própria face e a dos outros de constrangimentos. Essa condição não significa irrelevância dos dados. As camadas argumentativas¹⁵ superficiais, revelam manobras cotidianas feitas pelas entrevistadas para se posicionarem perante os contatos mistos^{13,14}. Levando em conta o cenário e considerando a entrevista como uma interação social em que as informantes organizaram as argumentações para livrar a própria face ou a do entrevistador, o resultado da análise apresenta como elas elaboraram a narrativa de si para construir a autoidentidade⁵ equalizando o que pensam com o que poderia ser dito. Dessa forma, os dados tornam-se preciosos, mesmo não captando motivações mais íntimas ou inferindo sobre estruturas sociais que orientariam as ações cotidianas delas.

A partir dos dados coletados definimos memória e alteridade como categorias de análise. Ambas fundamentais na construção das identidades. Com a memória, discute-se os significados

da infância e da EFE para as praticantes de ECC. Com a alteridade, analisa-se as disputas simbólicas travadas pelas participantes da pesquisa.

Resultados e Discussão

Memórias

A identidade opera por meio do discurso construído na relação com o outro. A coerência desse discurso constrói-se com base na memória individual e/ou coletiva, que se constitui sempre no jogo do lembrar e esquecer, articulado às demandas desse tipo de discurso no presente. Aquilo que é lembrado ou esquecido tem a função de apresentar normatividades constituintes dos indivíduos diante do outro. O discurso identitário é revelado na necessidade de afirmar diferenças do outro; esse discurso, pois, sempre é uma disputa de poder¹⁶.

Como apresentado na introdução deste artigo, os estudos seminais de EFE e gênero denunciavam as aulas como local de conformação da hegemonia masculina, tendo os ECC seu ponto fulcral de dominação; Brandolin et al.¹⁷ reforçam que estudantes homens do Ensino Médio têm maior satisfação com as aulas de Educação Física. Entretanto, informam que a EFE escolar ao oportunizar o acesso ao esporte para meninos e meninas, com todas as clivagens de gênero que possam existir, também fornece um lugar do aprendizado e contestação das normas generificadas pelas praticantes de ECC.

A EFE que todas as entrevistadas relataram vivenciar segue o modelo considerado na pedagogia como aula marcada pelos modelos pedagógicos denominados genericamente de tradicionais. Os conteúdos são baseados em esportes coletivos convencionais e atividades recreativas. O espaço/tempo da aula é dividido pelo(a) professor(a) conservando a separação por sexo. Todavia, as entrevistadas relataram que a EFE era uma das poucas oportunidades de praticar esporte:

Eu ficava em casa à toa. Pedia pra minha mãe me trazer (para o centro esportivo), só que minha mãe não me trazia. Minha irmã (mais velha) vinha pra cá, mas também não podia me trazer porque ela sempre ia pra outro lugar. Em casa minha mãe: “Ah! Você é muito nova pra isso, não sei o quê...” Até que um dia eu fiz treze anos ela falou: “Ah vou te colocar, encheu tanto o saco que eu vou te colocar”. E me colocou. [Antes disso] (...) eu ficava em casa. Ia pra escola. De casa pra escola, da escola pra igreja (...) nada relacionado a esporte. Só na educação física do colégio. (Praticante de basquetebol, 18 anos)

O relato sobre infância e adolescência das praticantes aponta para a relevância da EFE na introdução da prática esportiva na socialização dessas mulheres. A organização familiar estava a cargo das mães que valorizavam os estudos e dirimiam as obrigações domésticas, mas não investiam na formação esportiva das filhas. As meninas tinham acesso à rua como espaço de lazer, mas esse não era aparelhado para o desenvolvimento do esporte. Até atingirem alguma autonomia de escolha e mobilidade urbana, a escola e, em alguns casos, a igreja eram os lugares onde elas transitavam fora dos arredores de casa. As participantes da pesquisa relatam que a escola teria exercido um papel acentuado para socialização na prática esportiva que, mais tarde, as levaram fazer opção pelos ECC no centro esportivo da investigação.

Apesar das restrições, o desejo pelos ECC desenha-se muito antes da primeira experiência nos espaços formais dessas modalidades. Nas histórias de vida elas descreveram atividades infantis sempre ligadas aos jogos populares. *Queimado, bandeirinha, piques, pipa, uma corda amarrada na árvore para jogar vôlei e futebol* (que expressava variadas brincadeiras reconhecidas na família de jogos com os pés¹⁸) foram as atividades mais citadas. Quase nenhuma brincadeira da tradição feminina é lembrada. É fácil supor que algum momento da infância elas brincaram de bonecas, casinhas ou coleção de papéis de carta com amigas, mas

essas não constavam em seus relatos. A memória opera reconstruindo imagens fragmentadas de um conhecimento que temos identificação. Essas imagens vão constantemente sendo ressignificadas pelas novas experiências acumuladas¹⁶. Por isso são relevantes as atividades citadas, pois têm em comum a relação de forças entre duas redes de competências, que define os jogos esportivos coletivos¹⁹, apresentando características centrais como a velocidade, a força e a agressividade.

Da mesma forma ocorreu com lembranças da escolarização. A importância da EFE para as praticantes pode ser medida na afirmação de uma delas questionada pela pouca presença de mulheres nos ECC. Ao narrar a trajetória pessoal e as estratégias utilizadas para conseguir se inserir nos esportes típicos dos homens, diz veementemente: *acho que começa no colégio. Menina que não gosta de Educação Física? Acabou!* (Praticante de basquetebol, 18 anos).

A escola é apontada pelas informantes como espaço para experimentar formas de negociar uma prática desviante^{20,21}. Uma delas relata a estratégia de ação para se inserir:

me lembro de tudo, era separado, eu mesma que saía de onde estava porque gostava mais do que os meninos faziam e eu brincava com eles. (...) as meninas tinham vezes que até dançavam, eu não gostava, tinham meninas também que vinham pro futebol, duas que gostavam e vinham comigo pra jogar, mas na maioria ou era handebol, queimado ou uma bandeirinha, coisa bem tipo de menina (...) às vezes, eu jogava com as meninas, às vezes com os meninos. E aí jogava futebol com eles e jogava um pouquinho aqui um pouquinho ali, mas lembro muito do handebol e futebol, até a oitava série foi a minha Educação Física... Foi isso. (Praticante do futebol, 19 anos).

Os relatos apontaram que os conteúdos eram diferenciados, cabendo as meninas os jogos recreativos típicos da infância e o handebol como única opção esportiva, enquanto aos meninos se promovia prioritariamente ECC variados. A fala aqui, em continuidade à memória da infância sugere atraso na educação corporal das outras meninas que não brincaram dos jogos de rua e não estariam aptas a praticarem esportes mais complexos, o que poderia inclusive definir os conteúdos escolhidos pelos professores para cada sexo.

O(A) professor(a) de Educação Física, que faz a mediação dessas negociações, aparece com ênfase nas histórias. De forma geral, não existem relatos de ações tácitas do(a) professor(a) impedindo o trânsito das meninas de um jogo para o outro. Curiosamente, o único relato sobre a proibição de praticar futebol deu-se no contexto de uma escola particular, considerada da elite econômica na região. Em geral, os relatos apresentavam lembranças positivas da escola pública e destacavam a figura do(a) professor(a) como incentivador(a) para as praticantes transitarem entre os espaços generificados.

Os professores, segundo o relato das entrevistadas, aparecem apontando o talento das praticantes e encaminhando-as para locais de formação esportiva. As professoras, por sua vez, aparecem preocupadas com a imagem que a prática junto aos meninos poderia gerar, mas sem negar participação esportiva, apenas indicando como elas deviam se portar para evitar *comentários maldosos*. Num dos relatos a professora aparece como alguém que incentivava a aluna a jogar, mas ressaltava para ela *não se deixar levar pelas atitudes violentas dos meninos*, demonstrando que gênero está na agenda pedagógica ainda quando as atividades permitam a participação de meninos e meninas.

Assim, as praticantes creditavam aos(as) professores(as) grande parcela de contribuição no sucesso de permanecerem jogando ECC na vida adulta. Mesmo quando criticam a EFE *que era uma bagunça*, ou a escola que *não incentivava, não colocava pra jogar nem nos jogos estudantis*, as praticantes reconheciam o(a) professor(a) de EFE como mediador para negociar e conquistar seus espaços nas aulas e nas vivências que se seguiram na suas trajetórias esportivas.

O(A) professor(a) de EFE exerce, se utilizarmos os termos de Giddens¹¹ os papéis de guardião da tradição e especialista. No primeiro, ao dar conta da organização das turmas perante a escola, o(a) professor(a) contribui para continuidade da divisão de práticas generificadas informada pela cultura. No segundo, pela maior naturalização com o estereótipo masculinizado do corpo feminino²² e por nutrir a crença de que o esporte é caminho positivo para todos(as), o(a) professor(a) negocia possibilidades e incentiva ajustes mais flexíveis nas experiências generificadas das práticas para as alunas durante as aulas.

Os indivíduos movem-se na cultura de acordo com um projeto¹², que inclui tanto as carreiras²⁰, quanto os interesses e satisfações mais imediatas. Professores(as) e alunos(as) podem motivar-se, em diferentes medidas, a transgredir ou a conformar-se com a situação estabelecida e cada um(a) o faz dentro de um campo de possibilidades¹². Ao contrário de sucumbirem a uma determinante social de forma absoluta, os indivíduos têm margem e capacidade para refletir sobre o contexto e encontrar um caminho singular de acordo com as experiências vividas, o potencial do corpo e as escolhas que vão se sucedendo.

A escola que reforça o papel tradicional de homens e mulheres¹⁷ também prioriza o gosto dos mais aptos nos esportes e, intencionalmente ou não, promove oportunidades para experimentações e socialização de novas possibilidades de identificação de gênero. Nesse aspecto, é a EFE o espaço orientado em que indivíduos têm maior oportunidade de expressão e comparação dos corpos, tão fundamental para construção de comportamentos, identidades. Assim, as meninas que já eram sensíveis ao gosto pelas práticas com características típicas do universo masculino experimentavam, como em um laboratório, o estigma e as negociações que iriam acompanhá-las nas investidas aos ECC no lazer.

Brincadeiras na infância e a EFE se apresentaram como fundamentais para as praticantes em suas falas. Mesmo que reconheçamos que falas da memória nunca serão uma reconstituição total do vivido, nos importa aqui indicar os significados que deram tais vivências na constituição das identidades dessas mulheres. Nesse sentido, conferiram à infância o desejo de jogar ECC e à EFE o ambiente fundamental para equalizar ações contrárias a normatividade do feminino no contexto em que estavam inseridas. A memória tornou-se a base e espaço para a equalização de uma narrativa coerente que apresentasse as raízes de serem mulheres praticantes dos esportes tradicionalmente reservado aos homens.

Esse processo de identificação é o que está em jogo nas lutas sociais²³. No contexto estudado, *sapatão*, *brutas* e *masculinas* representavam acusações que as praticantes percebiam ser imputadas a elas. *Frescas*, *delicadas entre aspas*, *cheias de não me toque*, egoístas e com exagero na preocupação estética eram como identificavam o modelo de mulher que se opunham. Portanto, o estigma, presente no cotidiano das praticantes desde a idade escolar, não é um dado da cultura que atua de forma absoluta para afastá-las dos ECC. Para aquelas que não se enquadravam naquele tipo de normatividade do feminino, foi o próprio estigma e as oportunidades de vivência desse processo, em grande medida na EFE, que contribuíram para que escolhessem os ECC e seguissem construindo uma identidade desviante²⁰ no espaço escolar.

Alteridade

A identidade aparece sempre em oposição a outrem, seja entre pessoas ou redes de pertencimento. A identidade é lançada ao diálogo quando estão em disputa cotas de poder numa interação social. As narrativas construídas para os que estão inseridos nessas disputas podem ser de conformidade, mas também de luta por interesses pessoais e coletivos. As praticantes encontravam-se sobre esse dilema. Ao mesmo tempo em que lutavam para tornar os ECC uma prática convencional para as mulheres, distanciavam-se da feminilidade informada pela cultura local. O drama colocado para elas necessitava da construção de fronteiras simbólicas que as protegessem enquanto constituíam narrativas justificadoras do que elas seriam ou desejavam

ser. Dois pontos mostraram-se importantes nessa estratégia identitária: as acusações e as ações afirmativas.

No jogo de acusações foi possível compreender que elas se sentiam constantemente vigiadas por participarem dos ECC. Nos termos de Goffman¹³, elas consideravam-se desacreditadas pelos outros, percebendo a imputação de uma identidade social virtual, sempre ocultando uma identidade social real que reconheciam como legítima.

Trata-se de marcar alteridade sem apresentar acusadores. As narrativas generalizavam as praticantes de esportes de tradição feminina. Mais precisamente, o papel social feminino de passividade, individualismo e exagero na preocupação estética, descrito por Mourão²⁴, rotulado nos esportes de predomínio de mulheres. Uma das praticantes relatou o que pensa de si e do que supõe que as outras pessoas pensam sobre as praticantes da modalidade que escolheu:

Assim falando um português claro - sapatão. Porque assim, basquete é: ah! Vai andar de homem, gosta de roupa larga não sei o quê... Handebol as meninas são muito mais, futebol também... Entendeu? Agora vôlei não, assim, as meninas são mais, assim, delicadas entre aspas, né? Assim um pouquinho, né? Realmente não sei se tô me explicando direito. (...) Dependendo do lugar que você for, pô! Eu gosto de jogar basquete, consigo jogar basquete e futebol, gosto de roupa larga, uso muito roupa larga, pôxa! Aí chegam assim, veem de longe – ih! Aquela garota é sapatão, nada a ver, não quer dizer nada. (Praticante de basquetebol, 18 anos)

Em quase todas as narrativas coletadas aparecem falas suspensas, palavras silenciadas, quando o assunto é o estigma relacionado ao desvio da identidade cisgênero. A supressão ou omissão de algum termo na fala dos entrevistados pode ser interpretada como um limite que esse tema pode suscitar na interação reflexiva com entrevistador, pois, a dialética entre normatividade e desvio pode gerar obstáculos na conversa; todavia, esse tema sempre acaba por aparecer na fala das entrevistadas, de uma forma mais explícita ou mais nuançada.

A fala reclama que a opção por uma prática corporal considerada como masculina produz estigma por ela adotar o estilo ou uma corporalidade de sua modalidade. Esse tipo de relação estabelece-se a partir de um atributo não desejável, em que o(a) estigmatizado(a) deixa de ser uma pessoa normal, sendo inferiorizada pelos outros e menos desejada pelos defeitos que possui¹³. Entretanto, o estigma não era uma acusação concreta, presencial, pois, não aconteciam recriminações explícitas ou atos de rejeição no local das atividades. Nessa direção, as praticantes assumiam a condição de desviantes da feminilidade tradicional e sentiam-se desencaixadas, de modo que produziam narrativas sobre como são vistas pelos outros que não estavam presentes. O outro relacional aqui é o que a cultura indicava ser o padrão masculino e feminino incorporado pelas praticantes em suas relações cotidianas.

Sapatão era uma síntese do estigma. O termo ambíguo na fala das praticantes servia mais para ocultar explicações do que clarificar comportamentos. A homossexualidade, o estereótipo masculino e a prática de esportes agressivos poderiam ou não estar contidos no termo. A regularidade na qual o termo apareceu na fala das entrevistadas parece funcionar, no entanto, como uma operação que separa a prática esportiva dessas outras conotações possíveis que o termo expressava. Algumas praticantes não se incomodavam com a acusação de homossexualidade, outras não faziam referência a estética corporal. Entretanto, foi consenso nas entrevistas que escolher ECC não estava ancorado em qualquer comportamento diferente do gosto de jogar. Elas afirmavam que *o fato de alguém ser homossexual não tem nada a ver com o esporte que escolhe*. Todavia, a escolha dos ECC, no caso estudado, representa em si uma narrativa, consciente ou não, que coloca em cheque o padrão cisgênero.

As acusações de serem mulheres desencaixadas da norma estão marcadas nessas narrativas. Porém, o relato pode facilmente nos levar a uma crítica moral da condição social de opressão sofrida pelas praticantes. De perto e de dentro²⁵, no entanto, é interessante notar como

tais praticantes estabelecem categorias para os de fora dos ECC – o voleibol ou os observadores anônimos - e para os próximos de si, criando uma hierarquia, centralizada na modalidade que praticam - basquetebol menos masculino que handebol e futebol e diferente das *delicadas-entre-aspas-do-voleibol*.

O segundo ponto no jogo de identificação das praticantes de ECC foram as ações afirmativas. As narrativas de si⁷, o sentimento de pertença a um grupo e a diferenciação do outro relacional estavam presentes em todos os argumentos como nos relatos seguintes.

Pô! O esporte coletivo exige muito mais contato do que os outros. E é muita pancada, sei lá. Várias das meninas são cheias de não me toque com isso. Eu era assim. (...), mas, sei lá, as meninas acham: “Pô! Futsal é uma coisa de homem”, “ah! Handebol é muito bruto”. É sempre assim. Elas preferem algo mais pro vôlei, natação, hidroginástica, coisas que não tem tanto contato. (Praticante de handebol e futsal, 18 anos).

Se olhar, fisicamente, vai ver uma coxa mais assim – forte. Sempre mais resistente e, tipo assim. Então, brincando assim, tem brincadeiras que não vai sentir tanto, outras meninas fora são mais fresquinhas (...). [Nos ECC] a pessoa tem uma agilidade melhor pra pegar as coisas, (...) melhor pra ter um resultado em qualquer coisa que fizer, melhor tempo de reação. (Praticante basquetebol, 19 anos).

Mesmo quando falavam sobre si ou sobre os próprios pertencimentos sociais, sempre apresentavam uma relação de alteridade com outras mulheres. Quando se expressavam diretamente sobre a diferença entre os diversos esportes, as fronteiras apareciam com mais força:

Aí [as outras] pensam muito na estética mesmo de, não querer se machucar, que achar que é uma coisa muito violenta, que se vir vai atrapalhar alguma coisa. Aí tentam o que? Ser modelo, ser: “Ah! Vou estudar, trabalhar”. Só. (Praticante de basquetebol, 18 anos).

Se metade das meninas soubesse o quanto esses esportes melhoram o corpo, melhoram até a sua disposição, com certeza estariam fazendo. Sei lá, eu acho menina um pouco tanto quanto sedentária. Sei lá. Gostam de ficar em casa assistindo televisão, fofocando a vida dos outros. Eu não gosto deste tipo de coisa. (...) E aqui ninguém é assim cheio de não me toque, coisa e tal. Então, ninguém liga se eu ando de short largo, se eu ando de short apertado, se eu tô com esmalte na mão, se eu tô de cabelo preso. Ninguém liga. Está todo mundo aqui pra jogar. (...) Essas meninas que são de fora eu não conheço muito, até mesmo porque eu não me comunico muito com elas. Algumas eu acho até antipáticas. Mas, as meninas do esporte coletivo, coisa e tal, não é porque fazem um esporte mais bruto que deixam de ser femininas. São femininas sim, mas, tem as suas horas de feminilidade. Você tá aqui pra jogar, você não tá aqui se maquiando pra conhecer namorado. (Praticante de handebol e futsal, 18 anos).

As praticantes de ECC faziam acusações desabilitando aquilo que imputavam como tradição feminina. Nas entrevistas, elas imitavam as praticantes dos esportes de predomínio feminino de forma caricatural e debochada. A expressão *frescas ou delicadas, entre aspas*, era recorrente e aparecia para ridicularizar as atitudes dessas outras mulheres, tal qual faziam os homens do rúgbi descritos por Dunning⁵. A alteridade do contexto inglês era entre o estilo tradicional macho e o avanço das mulheres em diversos segmentos sociais importantes do século passado. Se os homens do rúgbi constituíam um espaço reservado de masculinidade, podemos sugerir que as meninas dos ECC construíam um espaço de transgressão da essencialização da feminilidade e, por extensão, o distensionamento com a visão cisgênero do mundo. Os dados apontam não para a preservação de uma condição estabelecida, mas de avanço de expressões dissonantes sobre a norma social do ser feminino. Além disso, o outro relacional

converge com o pensamento de Scott²⁶ sobre as mudanças de representações de gênero, pois objetivamente não eram homens, mas a expressão da feminilidade representada pelas modalidades esportivas tradicionalmente vinculadas às mulheres que encarnavam a identidade contestada pelas praticantes de ECC.

No enfrentamento das acusações, as praticantes elencavam argumentos das escolhas pessoais como um tipo de vanguarda sobre o conformismo da feminilidade normativa. Afirmavam ser mulheres de atitude, sagazes, e com espírito de camaradagem. Assim, estabeleciam outra forma de ser mulher, construindo alteridade com a feminilidade normativa, materializada nas praticantes de esportes da tradição feminina – voleibol, ginásticas, danças.

Era notório como o estigma era convertido em suas falas em argumento positivo. Importa notar que os “termos de estigmatização” só têm efeito quando as cotas de poder dos estabelecidos são muito superiores as dos “outsiders”. Todavia, “quando as acusações começam a ser insultosas, é sinal de que as relações de forças estão mudando”²⁷.

O argumento do domínio masculino apareceu apenas uma vez nas narrativas. Uma praticante de basquetebol, na única turma mista entre as turmas estudadas, reclamou ser discriminada na derrota por ser mulher. Observou-se que a vitória parecia suspender as rotulações sociais de qualquer tipo e destacar o bom desempenho pessoal e coletivo dos vencedores. Já para justificar a derrota os mesmos atores acusavam membros do time de serem mulher, obeso, baixo ou novato. O esporte, em geral, por lidar com a imprevisibilidade do resultado em confrontos explícitos, é terreno fértil para emergirem categorias acusatórias que estão disseminadas na cultura para além da análise do desempenho atlético. Ademais, as acusações observadas ora eram em tom de perversidade e constrangimento para o acusado, ora de descontração, mas sempre tornando o ambiente aberto para enfrentamentos das diferenças e diálogos entre os praticantes.

Devemos lembrar que a identidade é situacional e relacional²³. Não é inata, nem refém de determinismos culturais. A identificação de uma pessoa vai sendo construída pela sua trajetória singular nos mapas de orientação que a cultura informa²⁸. As identidades também não são fixas. Cada indivíduo aciona-as, ou não, de acordo com a contingência do cenário e dos atores sociais em interação naquele dado momento^{9,13,14}.

A categoria *mulher* pode ser explicada dentro desse contexto. Tanto as informantes dos estudos seminais em EFE e gênero, quanto as praticantes de ECC, não abandonam a pertença a categoria mulher, mas, reflexivamente, foram constituindo em suas narrativas o que seria ser *exatamente mulher* de acordo com o campo de possibilidades¹² que cada uma dispunha a partir de suas trajetórias singulares. Nesse processo, acionaram, ou não, o gatilho da identidade *mulher* de acordo com a linha⁹ que definiram para se apresentar no jogo das interações sociais em cada situação que encontraram.

Conclusões

Nas trajetórias individuais a EFE tradicional se apresentou significativa para as praticantes do estudo definirem o gosto pelos ECC, bem como para construírem habilidades sociais para negociar o desejo e a permanência em esportes com predomínio de homens. O encontro no lazer esportivo com outras praticantes com trajetórias similares constituiu um espaço de acusações ao modelo tradicional do “ser feminina” e de ações afirmativas para construção de uma narrativa de si que equalizasse as identidades de mulher e jogadora de esportes da tradição masculina. A permanência em um espaço masculino naquele contexto não significou, no entanto, uma arena de disputas simbólicas entre homens e mulheres, mas de expressão de uma feminilidade desviante que contribuiu para que seguissem praticando o esporte não convencionado a elas.

A categoria de análise homem-mulher, fixa e a priori, como fora utilizada nos estudos seminais de gênero na EFE, poderia limitar a compreensão dos fenômenos aqui estudados. Os modelos nativos¹⁰ de feminilidade captados na pesquisa abriram portas para o entendimento das distinções experimentadas pelas mulheres naquele contexto. As análises comparando homens e mulheres orientaria a pesquisa para a reificação de teorias generalizadoras. Portanto, assim como gênero, outras categorias analíticas dos estudos socioculturais da Educação Física, que são constituídas anterior e externamente ao objeto de estudo, podem não captar as rápidas transformações que ocorrem no cenário mais emergente das práticas corporais e, com isso, limitar as interpretações e o alcance de nossas pesquisas no campo.

A investigação das identidades no cotidiano, considerando os modelos nativos, pode abrir interessantes estudos para captarmos as rápidas e complexas transformações sociais da contemporaneidade na dinâmica das práticas esportivas. Avançaremos se abandonarmos os apontamentos inquisitórios e explorarmos em que circunstâncias, por exemplo, cada indivíduo se insere, persiste e permanece numa prática, em meio às diversas disputas simbólicas no espaço/tempo do esporte, das aulas de Educação Física e das identidades em jogo na sociedade.

Referências

1. Fraser N. Reconhecimento sem ética?. Lua Nova: Revista de Cultura Política 2007;70:101-138. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452007000100006>
2. Butler J. *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2018.
3. Chan-Vianna AJ, Moura DL, Mourão LN. Educação Física, gênero e escola: Uma análise da produção acadêmica. *Movimento* 2010;16(2):149-166. Doi: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.9492>
4. Bachelard G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto; 2003.
5. Dunning E. O desporto como uma área masculina reservada: Notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. In: Elias N, Dunning E, editores. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL; 1992, p. 389-411.
6. Deive FP, Osborne R, Silva ER, Ferreira RC, Saint Clair E, Nery LCP. Estudos de gênero na educação física brasileira. *Motriz Rev Educ Fis* 2011;17(1):93-103. Doi: <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n1p93>
7. Giddens A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar; 2002.
8. Becker HS. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3.ed. São Paulo: Hucitec; 1997.
9. Goffman E. A elaboração da face. In: Figueira AS, organizador. *Psicanálise e ciência social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1980, p.76 -114.
10. Barth F. *O Guru, iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; 2000.
11. Giddens A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: Giddens A, Beck U, Lash S, organizadores. *Modernização reflexiva*. São Paulo: EDUSP; 1995.
12. Velho G. *Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003.
13. Goffman E. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC; 1988.
14. Goffman E. *A representação do eu na vida cotidiana*. 14. ed. Petrópolis: Vozes; 2007.
15. Chan-Vianna AJ. *Meninas que jogam bola: Identidade e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer*. [Tese de Doutorado em Educação Física]. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. Programa de Pós-Graduação em Educação Física; 2010.
16. Santos MS. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: Alguns problemas teóricos. *Rev Bras Ci Soc* 1998;38(13). Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000300010>
17. Brandolin F, Koslinski MC, Soares AJG. A percepção dos alunos sobre a educação física no ensino. *Rev educ fis* 2015;26(4):601-610. Doi: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i4.29836>
18. Scaglia AJ. *O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes*. [Tese de Doutorado em Educação Física]. Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Educação Física; 2003.
19. Gréhaighe JF, Richard JF, Griffin LL. *Team sports and games*. New York: Routledge; 2005.
20. Becker HS. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2008.
21. Velho G. O estudo do comportamento desviante: A contribuição da antropologia social. In: Velho G, organizadores. *Desvio e divergência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores; 1977, p. 11-28.

22. Melo GF, Giavoni A, Troccoli BT. Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psic Teor Pesq* 2004;20(3):251-256. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300006>
23. Cucho D. A noção de cultura nas ciências sociais. 2.ed. Bauru: EDUSC; 2002.
24. Mourão LN. A imagem da mulher esportista nos Jogos da Primavera dos anos 50. In: Votre S, organizadores. A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Ed Central UGF; 1996, p. 61-78.
25. Magnani JGC. De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Rev bras Ci Soc* 2002;17(6):11-29. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>
26. Scott JW. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educ Real* 1995 [acesso em 01 Mai 2018];20(2):71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>
27. Elias N, Scotson J. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Zahar; 2000.
28. Becker HS. Culture: A sociological view. In: Becker HS, organizador. *Doing things together*. Chicago: Northwestern University Press; 1986, p. 11-24.

Orcid dos autores:

Alexandre Jackson Chan-Vianna: <https://orcid.org/0000-0002-7312-6240>

Antônio Jorge Gonçalves Soares: <https://orcid.org/0000-0001-7769-9268>

Diego Luz Moura: <https://orcid.org/0000-0001-6054-4542>

Ludmila Nunes Mourão: <https://orcid.org/0000-0003-0893-7511>

Agradecimentos: Ao CNPq pelo financiamento através da bolsa de pós-graduação *Stricto Sensu* e à Capes pela concessão da bolsa de Doutorado Sanduiche - SWE.

Recebido em 17/05/19.

Revisado em 16/10/19.

Aceito em 08/11/19.

Endereço para correspondência: Alexandre Jackson Chan Vianna. Faculdade de Educação Física. Campus Universitário Darcy Ribeiro, Brasília-DF. CEP 70910-900. E-mail: chanvianna@unb.br